

Mulheres dão a virada na Educação

Pesquisa do Inep revela que elas reinam absolutas nas salas de aula. São 1,6 milhão de professoras de educação básica em todo País

A década de 90 marca a virada das mulheres sobre os homens em nível de escolarização, no Brasil, segundo levantamento do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep). A proporção de pessoas analfabetas já é significativamente menor entre as mulheres do que entre os homens em

todos os grupos com até 39 anos de idade. As mulheres também ultrapassaram os homens em número médio de anos de estudos e, nas salas de aula, reinam absolutas: 85% dos 1,6 milhão de professores da educação básica em todo o país são do sexo feminino.

As mulheres já são maioria entre os alunos do ensino médio e do ensino superior e entre os alunos da 5ª a 8ª série do ensino fundamental. De acordo com a última contagem populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 1996, não há grande diferença entre a taxa de analfabetismo dos homens e das mulheres - respectivamente, 14,5% e 14,8%.

Observa-se, entretanto, que a queda do analfabetismo entre os

jovens é muito mais acentuada na população feminina. Na faixa etária de 15 a 19 anos, a taxa é de 7,9% para os homens e 4,0% para as mulheres. Na população com faixa etária entre 20 e 24 anos, a taxa de analfabetismo é de 8,7% para os homens e de 5,5% para as mulheres. No grupo com faixa etária entre 25 e 29 anos, a taxa é de 10% para os homens e de 6,4% para as mulheres. Entre a população na faixa etária entre 30 e 39 anos, o índice de analfabetismo é de 11% para os homens e de 9,4% para as mulheres.

Já nos grupos com faixa etária entre 40 e 49 anos, e 50 anos ou mais, a situação se inverte. Entre a população com idade entre 40 e 49 anos, há 15,8% de homens analfabetos e 15,9% de mulheres sem nenhuma escolaridade. No

grupo com 50 anos ou mais, a taxa de analfabetismo é de 28,1% para os homens e de 34,4% para as mulheres.

Até o final dos anos 80, os homens estavam em vantagem em termos de média de anos de estudo. Esta posição se inverteu na década de 90, quando as mulheres melhoraram mais rapidamente o seu perfil educacional. No período de 1990 a 1996, a média de anos de estudo aumentou de 5,1 para 5,7 entre os homens e de 4,9 para 6,0 entre as mulheres, o que indica que elas deram um salto de quase um ano enquanto eles avançavam meio ano.

As mulheres também são maioria dos alunos matriculados no ensino médio e no ensino superior. Elas somavam 56% dos

6,9 milhões de alunos que estavam matriculados no ensino médio e 54% dos 2,1 milhões de alunos matriculados no ensino superior no ano passado. No ensino fundamental, a maioria predominante ainda é de alunos do sexo masculino. Dos 35,8 milhões de alunos existentes no país, 51% são do sexo masculino, mas as meninas já superam os meninos entre a 5ª e a 8ª séries. Os meninos são maioria nas séries iniciais do ensino fundamental porque repetem mais de ano e também porque ingressam precocemente no mercado de trabalho.

Dentre os fatores sócio-econômicos e culturais que explicam esta virada das mulheres em nível de escolarização, o de maior influência, segundo a pesquisa,

tem sido o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, estimulando-as a buscar um melhor nível de escolaridade, até mesmo como forma de compensar a discriminação salarial de gênero que continua existindo, conforme comprovam pesquisas recentes.

Apesar do melhor nível de instrução, as mulheres continuam tendo salário menor que os homens, segundo informações da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio de 1996. No ano de 1992, o rendimento médio de trabalho das mulheres representava 53,2% do recebido pelos homens. Esta relação chegou a 54,1% em 1995, e subiu para 58,7% em 1996, reduzindo um pouco a defasagem entre as remunerações médias de trabalho dos dois sexos.